

Gramaticalização de predicados matrizes

Sebastião Carlos Leite Gonçalves

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP/S.J.Rio Preto

scarlos@ibilce.unesp.br

Abstract: *Two types of matrix predicates were selected (to seem 'parecer' and to think 'achar'/to believe 'crer') to show their tendency to grammaticalization, as they, detaching from their embedded clause, decategorize themselves like attitudinal satellites. These predicates differ from each other in relation to argument status of embedded clause (subject or complement) and they resemble each other, as they codify the speaker's subjective attitudes (evidentiality/epistemic modality). This syntactic shifting affects complex construction, turning biclausal into monoclausal ones. The result of the analysis legitimates the functionalist premises that establish that pragmatics has prevalence over semantics and the semantics over syntax.*

Keywords: *matrix predicate; grammaticalization.*

Resumo: *Recorrendo a dois tipos de predicados matrizes (parecer e achar/crer), diferentes no estatuto argumental da completiva (sujeito ou complemento, respectivamente) e semelhantes na codificação das atitudes subjetivas do falante (evidencial/modal epistêmico), mostro a tendência de esses predicados encaixadores se gramaticalizarem, desvinculando-se de suas orações encaixadas e se recategorizando como satélites atitudes. Essa alteração sintática afeta a construção complexa, que, de biclausal, passa a monoclausal. O resultado das análises legitima a premissa funcionalista da prevalência da pragmática sobre a semântica e da semântica sobre a sintaxe.*

Palavras-chave: *predicado matriz; gramaticalização.*

Introdução

Um dos princípios básicos do funcionalismo considera que a situação comunicativa motiva, restringe, explica ou determina a estrutura gramatical. Assim, a gramática funcional analisa a estrutura gramatical, como fazem a gramática formal e a estrutural, mas ela também analisa a situação comunicativa inteira: o propósito do ato de fala, seus participantes, seu contexto discursivo. Essas considerações de Newmeyer (2001) sobre o modo funcionalista de “ver” a língua sintetizam bem o quadro teórico que sustenta o estudo que aqui apresento sobre a gramaticalização de predicados de atitude proposicional.

Alguns trabalhos envolvendo o português brasileiro (PB) já descreveram os usos parentéticos de algumas expressões (Jubran, 2002a,b), entre as quais se incluem os chamados *parênteses modais*, não enfocados, entretanto, como resultantes de um processo de mudança que se interpõe nos domínios de uma frase complexa envolvendo o encaixamento de uma oração completiva em um predicado matriz, orientação que

pretendo explicitar neste artigo. Em âmbito da lingüística mais geral, proposição semelhante a que aqui pretendo desenvolver já foi sugerida (cf. Noonam, 1985; Thompson & Mulac, 1991), mas sem se voltar para os aspectos estruturais e semântico-pragmáticos conjuntamente.

Recorrendo a dois tipos de predicados matrizes (*parecer* e *achar/crer*), diferentes no estatuto argumental da oração encaixada (sujeito ou complemento, respectivamente) e semelhantes na codificação das atitudes subjetivas do falante (evidencial/modal epistêmico), em Gonçalves (2003), sob uma perspectiva panorâmica, investiguei os efeitos da frequência de uso desses predicados atitudinais, sob a premissa de que o uso freqüente de uma palavra ou construção leva ao aumento da expansão de sua funcionalidade (padrões de uso), com decorrências morfossintáticas, premissa que embasa a concepção de gramaticalização por mim assumida (cf. Bybee, 2003). Comprovei, assim, a tendência de predicados de atitude proposicional se gramaticalizarem como satélites atitudinais:¹ de organizador de uma predicação, o predicado passa a se comportar como um constituinte não-argumental. Exemplificam essa trajetória de mudança as ocorrências do português histórico, dadas em (1) a (3) abaixo, para as quais proponho, em (4), um cline geral de desenvolvimento categorial.²

- (1) Valores sintático-semânticos de *parecer*
- v. pleno** (apresentativo)
... aque-vos um demo vem, que lhe *pareceu* (=apareceu) em semelhança de um homem (13, DG, p.50)
 - v. suporte de predicação** (apreciação)
E quanto mais lia, tanto ele *me parecia* melhor. (15,CP, p.215)
 - v. encaixador de proposição** (epistêmico de probabilidade/evidencial)
Ora *parece* que meu filho serviu maau senhor. (13,DG,p.57)
 - Satélite atitudinal adverbial** (epistêmico/evidencial)
...vindo tão embebidos de suas danças, tendo *parece* alguma notícia do que se passava. (16,CJ, p.440)
- (2) Valores sintático-semânticos de *achar*
- v. pleno** (encontrar)
Mas u (=onde) vos *achou* ele? (13,DG,p.68)
 - v. encaixador de predicação** (apreciação)
Manifestou-se, ca (=pois) diz que *s'achou* pecador muit' (13,CE,p.231)
 - Construção encaixadora de proposição** (epistêmico)
Acho [este lugar] não estar na última perfeição (18,GR,p.8)
 - Satélite atitudinal adverbial** (epistêmico)
Apenas eu e o Couto achamos a não inclusão do pneumatorax "escandalosa", como você fala. Indispensável, *achamos* (19-20,MA, p.340)
- (3) Valores sintático-semânticos de *crer*
- v. pleno** (crença em alguém)
Seu padre non nos *crerá*, antes dirá que a matamos (13, DG, p. 75)
 - v. pleno encaixador de proposição** (crença em algo)
Todo christão *crea* firmemente que huu soo é uerdadeyro Deus (13,FR,p. 127)
 - Construção encaixadora de proposição** (epistêmico)
Creo que esto fezerom por que aqueles lugares erom em tal comarca (15,LO,p.26)
 - Satélite atitudinal adverbial** (epistêmico)
Por mais solenidade que ouvesse, tudo *creo* terião por pouco (16,CJ,p.448)
- (4) $\left(\text{v. pleno} \right) > \left(\text{v. encaixador de predicação} \right) > \left(\text{v. encaixador de proposição} \right) > \left(\text{construção encaixadora de proposição} \right) > \left(\text{Satélite atitudinal} \right)$

Pelas ocorrências dadas em (1) a (3), pode-se observar que significados baseados em uma situação externa ((1a), (2a) e (3a)) passam a significados baseados numa

situação interna – avaliativa, perceptual, cognitiva – ((1b), (2b)), que, por sua vez passam a significados cada vez mais assentados na atitude subjetiva do falante ((1c,d), (2c,d) e (3c,d)).

Interessa-me, neste artigo, discutir os usos mais gramaticalizados dos verbos de atitude proposicional, representados, no cline de mudança em (4), por *verbo e construção encaixadores de proposição e satélites atitudinais*. Na análise das proposições encaixadas, restrinjo-me aos casos de completivas finitas.

Feitas essas considerações iniciais, na próxima seção, discuto e analiso a complementação dos predicados de atitudes proposicionais, para, em seguida, me deter um pouco mais na dessentencialização do complexo oracional em que esses predicados ocorrem. Reservo a última seção às considerações finais.

Os complementos de predicados atitudinais: gramaticalização e dessentencialização

Antes de focar a complementação sentencial de predicados atitudinais, estabeleço alguns conceitos operacionais necessários para um correto entendimento.

Por **complementação** deve-se entender o mecanismo sintático que surge quando uma predicação é estruturada como argumento de um predicado. Predicado completável por argumentos complexos é chamado **predicado matriz**, e a oração que contém esse predicado como núcleo é a **oração matriz**. Alternativamente, a estrutura de complementação de um predicado matriz é também referida como **oração encaixada** (cf. Noonan, 1985 e Dik, 1997).³ Estruturalmente, a definição de construções encaixadas se completa por referência às posições argumentais que elas ocupam no complexo oracional, propriedade dependente da natureza do predicado matriz: em posição A1, de primeiro argumento (*parece que...*), A2, de segundo argumento (*X acha/crê que...*), ou A3, de terceiro argumento (*X convence Y de que...*).⁴ Relativamente ao seu estatuto semântico, predicados matrizes comportam diferentes tipos de construção encaixada: **predicação, proposição e ato de fala**, como se observa nas ocorrências abaixo.

- (5) a. E ante que fosse longe daquel lugar *vi vir dom Tristam em pos mim* (13, DG, p. 68)
b. E elles *viendo que não podyam ter a villa*, ouveram por ben de a dar pello melhor preito que podesse, ante que seus inmiigos soubessem sua myngua (14, CG, p. 336)
c. E *disse Deus a Moysés que partisse todo o esbulho iugualmente antre os que lidarom* (15, BM, p.145)

Pode-se observar, em (5), que o mesmo predicado *ver* assume valores diferentes: percepção visual (= enxergar), em (5a), e percepção mental (=perceber/concluir), em (5b). No primeiro caso, o que de fato foi visto é (a ocorrência de) um estado-de-coisas, enquanto, no segundo caso, o que se percebe é um “fato possível”. As coisas as quais se pode dizer que as pessoas percebem/concluem/acreditam não são estado-de-coisas; são antes “conteúdos proposicionais”, entidade que, submetida a uma avaliação em termos de sua verdade, pode ser motivo de surpresa ou dúvida, de menção ou negação, de rejeição e de lembranças, de verdade ou falsidade. Assim, diferentemente de *estado-de-coisas*, que, localizados no espaço e no tempo, podem ser avaliados em termos de sua realidade, *conteúdos proposicionais*, também localizáveis no espaço e no tempo, podem ser avaliados somente em termos de sua verdade, casos em que se enquadram os complementos encaixados nos tipos de predicados enfocados neste trabalho. *Atos de fala*, como o mostrado em (5c), e incluindo outros tipos de verbos *dicendi*, são entidades

que, também localizadas no espaço e no tempo, podem ser avaliadas não em termos de realidade ou de verdade, mas em termos de suas condições de felicidade (Dik, 1989, 1997).⁵

Passando agora a tratar mais especificamente dos predicados de atitude proposicional, esses são predicados que tomam por escopo uma proposição para, sobre a verdade que ela veicula, incidir a atitude de crença do sujeito. Como *predicados não-factivos*, por recurso aos atitudinais proposicionais, o falante não se compromete nem com a verdade nem com a falsidade da proposição encaixada; o estado-de-coisas codificado na proposição é sempre passível de verificação, embora seja apresentado “como algo que aquele que acredita considera como verdadeiro” (Dik, 1997, p.109). Nesse sentido, como afirma Noonan (1985), a atitude proposicional é considerada positiva.⁶ Além de modalizador epistêmico, predicados de atitudes proposicionais, como *parecer*, *achar* e *crer*, permitem também a expressão de evidencialidade. Assim é que esses predicados marcam também, de modo claro ou não, a fonte da informação contida na proposição. Ambos os valores, modal e evidencial, são constitutivos da diluição da responsabilidade pelo “dito”. *Crer* e *achar* apontam o falante como fonte de uma evidência, enquanto *parecer* aponta-o apenas como fonte de uma inferência, cujo tipo evidencial em que se baseia (visual, relatada, raciocínio) não é revelado (Vendrame, 2005).

Como expressão de atitudes subjetivas, os predicados atitudinais podem vir acompanhados de marcas explícitas do experienciador, seja pela expressão do sujeito gramatical, nos casos de completivas em posição A2 (6b,c), seja pelo clítico ou expressão de caso dativo, no caso de completivas em posição A1 (6a), marcação esta já bastante rara no PB contemporâneo.⁷ Assim a opção que o falante tem de deixar ou não marcas de sua atitude, por meio da expressão gramatical de experienciador, implica uma escolha estrutural para o encaixamento da oração completiva: na posição de A1 ou na posição de A2, respectivamente.

- (6) a. E por esto, Senhor, *a mym parece* que dos livros que vi de philosophia, este avantejadamente *enssyna* a cobrar o que os outros fazem amar e desejar. (...) E deste volume os primeiros dous livros, segundo meu juizo, *me parecem* que tem vantagem do Terceiro, e aquellos achei mais claros. O Terceiro achei muito scuro, por que reconta estoria e exemplos, e *parece* que *screvia* a quem as sabia. (15,LO, p. 4)
- b. Então por isso que *eu acho* que, mesmo que se eu não tivesse feito pré-vestibular, *eu acho* que eu *passaria* no vestibular (20, NURC/RJ-DID-001)
- c. De Platom *eu creyo* que, se quisera trauctar daquesta maneira de disputaçom, que mui sobedormente e mui avondosamente *podera* falar ... (15, LO, p. 9)

Em qualquer manifestação de oração complexa envolvendo verbos atitudinais, a oração encaixada tem referência temporal independente do tempo da matriz (Noonan, 1985). Como atestam as ocorrências acima, o tempo codificado na proposição encaixada, embora definível em relação ao tempo da "crença" codificado na matriz, pode ser coincidente com ele (*parece-ensina/tem*, em (6a)), anterior (*parece-escrevia*, ainda em (6a) ou *acho-passaria*, em (6b)) ou posterior (*creio-poderá*, em (6c)) a ele.

Os parâmetros morfossintáticos (expressão de tempo e pessoa) e semântico-pragmáticos (valor de verdade e factividade) envolvidos no entrelace dos predicados atitudinais e seu complemento oracional apresentam relevância para a discussão da dessentencialização do complexo oracional envolvendo tais predicados, que é o que passo a considerar.

Em Gonçalves (2003), defendi que os predicados atitudinais *parecer*, *achar* e *crer*, via processo de gramaticalização, se recategorizam e, em seus estágios mais gramaticais ((1d), (2d), (3d)), passam a funcionar como satélites atitudinais. Nesse processo de mudança, valendo-me de dados quantitativos, propus que esses predicados, ao se especializarem na codificação de modalidade epistêmica/evidencialidade, apresentam uma invariabilidade em relação aos parâmetros morfológicos de pessoa e de tempo: enquanto *parecer* se fixa na 3ª. pessoa do presente do indicativo sem marcas formais de subjetividade, *achar* e *crer* fixam-se na 1ª. pessoa, o que favorece a interpretação de uma maior gramaticalidade de *parecer*, como marcador gramatical de modalidade epistêmica/evidencialidade. Embora válidas essas constatações, observa-se que todo enfoque privilegiou mais a natureza categorial do predicados matrizes do que propriamente o complexo oracional em que eles ocorrem.

Cumpre-me agora uma volta aos dados para uma reinterpretação que considere relações mais estritas do predicado matriz com a oração complemento, buscando verificar, desta vez, quais parâmetros propiciam o “desgarramento”⁸ do predicado matriz e a sua atuação como satélite da oração complemento, que passa a funcionar como oração independente.

Em seus usos já gramaticalizados, mas não-parentéticos, os predicados em análise expressam atitudes proposicionais positivas em relação à proposição encaixada em seu complemento. Por comodidade, repito em (7), ocorrências ilustrativas desses casos.

- (7) a. Ora *parece* que meu filho serviu maaui senhor. (13, DG, p.57)
b. *Acho* [este lugar] não estar na última perfeição (18, GR, p.8)
c. *Creio* que esto fezerom por que aqueles lugares erom em tal comarca (15, LO, p.26)

Em (7), é mais provável o falante estar fazendo uma asserção sobre sua crença primeira, do que sobre o conteúdo proposicional. É possível, entretanto, usar esses predicados parenteticamente, como satélites, de tal modo que a asserção invista-se sobre o complemento proposicional, especialmente nesses casos de primeira pessoa do singular e de tempo presente. Funcionando como satélite, a posição do “predicado” é mais livre que o usual: o “predicado e seu sujeito”, quando é o caso, podem ser colocados em posição inicial, medial ou final da sentença.

- (8) a. E os seus, que como digo, vinhão tão embebidos em suas danças, [*tendo parece alguma notícia do que se passava*], supitamente se callarão. (16, CJ, p. 440)
b. E sempre os mesmo Indios o esperão no tal tempo e tem-lhe tanto respeito que, por mais solenidade que ouvesse nos seus bautismos, [*tudo creio terião por pouco, costuma*] (16, CJ, p. 448)
c. Apenas eu e o Couto achamos a não inclusão do Pneumatorax “escandalosa”, como você fala. (...) [*Indispensável, achamos.*] (19, MA, p. 340)

Em uma interpretação das ocorrências acima, é bem mais provável que a asserção principal constitua uma afirmação sobre o conteúdo da oração em que o “predicado” ocorre do que sobre o estado de crença do falante. A função do satélite nessas sentenças é “modificar ou enfraquecer a afirmação da verdade que seria implicada por uma asserção simples” (Noonan, 1985, p. 86). O efeito sintático desse uso parentético é tornar a oração complemento uma oração independente. Observe que o complementizador *que*, marca de subordinação, não é usado quando o predicado é empregado parenteticamente, características dos parentéticos de um modo geral (Jubran, 2002b). Entretanto, no processo de gramaticalização, essa dispensabilidade do

complementizador é gradual, como se observa abaixo, com *parecer*, possível de ser parafraseado por *achar* e *crer*.

- (9) a. nós nos casamos no civil... *parece (acho/creio) que* de manhã. (20, NURC/RJ-DID-71)
b. [o pedágio] passou para *parece (acho/creio) que* setenta cruzeiro (20, PEUL/CEN-32)

Restritos à posição medial, predicados parentéticos como (9), que rompem a estrutura de constituência da oração simples, caracterizam-se pela presença do “complementizador” *que* ainda atrelado ao “predicado”, não introduzindo mais um complemento oracional, como em (7), mas apenas um constituinte da oração principal *que*, semanticamente, toma por escopo: em (9a), um adjunto temporal, e, em (9b), um objeto de preposição. Observe que a incerteza do falante, em (9a) diz respeito apenas ao horário do casamento, e em (9b), ao novo valor do pedágio, e não sobre os estados-de-coisas em si, codificados na proposição. Esses casos constituem argumento para afirmar uma das propriedades da gramaticalização: a união/compactação da estrutura [verbo + complementizador] *que*, nesse uso, não é mais analisada como dois constituintes, mas um só, possivelmente originado na **reanálise** de um uso anterior, em *que*, claramente, o complementizador introduz um complemento oracional finito, como mostro em (10).

- (10) Muitas mães *parecem que* fazem das filhas o que elas queriam pra elas. (20, PEUL/TEN-27)

Uma possível correlação para os usos mostrados em (9), parentéticos ainda com “complementizador”, pode ser buscada nesses casos de topicalização do sujeito da oração encaixada, colocado em posição anteposta ao verbo, como mostra (10). Nesse uso, a seqüência [verbo + complementizador] parece romper a estrutura canônica da oração [*muitas mães fazem das filhas ...*], o que pode levar o ouvinte a uma reinterpretação induzida pelo contexto e a proceder da mesma forma em qualquer parte da oração. Procedida essa reanálise, o complementizador, não mais funcional sintaticamente, é apagado, e mais claramente o “predicado” passa a assumir as propriedades de satélites atitudinais, tornando-se um constituinte não-argumental. Entretanto, há de se observar que, semanticamente, a presença do “complementizador” marca com clareza o constituinte que ele escopa, o que nem sempre é claro quando o complementizador é apagado.

Na verdade, esses usos apresentados em (9) podem representar que a posição assumida pelo “predicado matriz” no interior da “oração complemento” faz diminuir (e não eliminar) o grau de incerteza que recairia sobre toda a proposição (“*parece [que nós nos casamos no civil de manhã]*”, “*parece [que o pedágio passou para setenta cruzeiro]*”), uma vez que a presença do “complementizador” é que vai permitir determinar com clareza o elemento escopado. Sob essa hipótese, o elemento escopado deve ser interpretado como sendo ele o portador de menor grau de comprometimento com a verdade do seu conteúdo, do que toda a proposição. Em outras palavras, há uma desigualdade entre o grau de comprometimento do falante com a verdade de toda a proposição e com a verdade de apenas parte dela.

Além da invariabilidade de flexão do predicado matriz, a gradualidade de mudança na função prototípica do complementizador é o que me leva a propor, em (4), que, na verdade, a construção encaixadora, na qual se encontra o predicado atitudinal, é que se gramaticaliza, à medida que vai se “desgarrando” e deixando de funcionar como oração matriz. É óbvio, no entanto, que a força semântica do predicado é que conduz a essa mudança.

Voltando aos casos dos “predicados parentéticos”, somente predicados afirmativos podem ser usados parenteticamente, de modo que com o “predicado” negado a sentença torna-se inaceitável, uma vez que se nega o acabou de ser afirmado. A ocorrência em (11a) e sua paráfrase (11a') é um exemplo dessa restrição.

- (12) a. naquele tempo não se tomava uísque tomava-se chope então tinha um barrilzinho de cho:pe uns... uns sanduíches... naquele tempo devia ser presunto e queijo ... *parece* ... eu não me lembro bem ((risos)) mas devia ser assim. (NURC/RJ-DID-71)
a'. */? naquele tempo devia ser presunto e queijo ... *não parece* ...

Verifica-se, assim, que em construções complexas com os predicados atitudinais, a negação tem escopo restrito ao conteúdo da oração encaixada, nunca incidindo sobre a crença veiculada pelo predicado matriz, ainda que ele seja negado. Observe (7b'), que é uma boa paráfrase de (7b), cujo conteúdo proposicional ocorre negado.

- (8) b'. **não acho** [este lugar] estar na última perfeição.
= este lugar não está na última perfeição

Até aqui, tive por objetivo explicitar a integração sintática fraca entre o predicado atitudinal e a oração encaixada por recurso aos seguintes critérios: (i) referencia temporal independente; (ii) escopo da negação restrito ao conteúdo da oração encaixada; (iii) restrições de tempo, modo, pessoa e número do predicado matriz; (iii) perda de complementizador; (iv) perda de propriedades de seleção de constituintes (redução valencial). Mesmo quando ainda integra um complexo oracional, predicados atitudinais mantêm com sua encaixada uma fraca integração sintática, reflexo de suas propriedades semântico-pragmáticas. A esse respeito, Dik (1997) já observara que, em construção subordinada encaixada em predicado que serve, principalmente, para modalizar ou abrandar a força asseverativa do seu conteúdo informacional, a predicação matriz é uma ‘nota-de-rodapé’ modal para o conteúdo da construção subordinada e não uma declaração em si. Esses critérios, ao mesmo tempo em que revela uma integração fraca entre matriz e encaixada, podem também ser vistos como causas/motivações que levam ao “desgarramento” e à conseqüente gramaticalização do predicado matriz, que passa a funcionar como constituinte não-argumental do restante da oração complemento.

Confirma o resultado da aplicação desses critérios, a sua interpretação à luz dos parâmetros propostos por Lehmann (1988) para a aferição do grau de integração entre orações. Enfatizando o contínuo existente entre coordenação e subordinação, Lehmann propõe seis parâmetros aferidores do grau de integração de oração, correlacionados, porém independentes, quais sejam: (i) rebaixamento da oração subordinada a constituinte da principal; (ii) nível sintático de integração da subordinada à principal; (iii) dessentencialização da subordinada, que passa a constituinte simples da principal (seu verbo torna-se não finito; seu sujeito é perdido ou torna-se oblíquo); (iv) gramaticalização do verbo matriz; (v) entrelaçamento das duas orações (partilha de elementos); e, (vi) grau de explicitude da integração (conectores). Para a discussão dos casos dos predicados atitudinais em análise, desses seis parâmetros, destaco (iii) e (iv), que dizem respeito ao modo de redução de uma oração complexa. Tanto na dessentencialização da oração complemento quanto na gramaticalização do predicado matriz, observa-se uma modificação na estrutura complexa, que de biclausal passa a monoclausal.

recategorização desses predicados no seu funcionamento como satélite atitudinal da oração independente em que passa a atuar.

Mostrei que a existência de uma integração fraca entre os dois tipos diferentes de predicados e suas orações encaixadas é comprovada por recurso aos seguintes critérios: (i) referência temporal independente; (ii) restrição do escopo de negação ao conteúdo da oração encaixada; (iii) restrições de tempo, modo, pessoa e número do predicado matriz; (iii) perda de complementizador; e, (iv) perda de propriedades de seleção de constituintes (redução valencial). Confirmando esses critérios, recorri a dois parâmetros que aferem a integração de orações: (i) a dessentencialização da oração encaixada; e (ii) a gramaticalização do predicado matriz, tendo constatado que os critérios propostos para a análise da redução da oração encaixada aplicam-se com mais consistência à gramaticalização da oração matriz formada pelos predicados atitudinais. Essa constatação me conduz à conclusão de que, mesmo nesse caso, os critérios que se aplicam à oração encaixada são válidos também para a oração matriz, uma vez que tanto um conjunto de critério quanto o outro conduzem ao mesmo resultado: a redução de oração. Sob tal interpretação, advogo ainda que, ao mesmo tempo em que os predicados atitudinais se recategorizam como satélites atitudinais (gramaticalização, portanto), eles também se dessentencializam, incorporando-se como constituinte da oração que modificam, a qual, de complemento, passa a independente. Fica, no entanto, em aberto a questão da relação de causa-efeito entre dessentencialização e gramaticalização.

Como entendimento mais geral para o modo funcionalista de conceber a linguagem, resultados convergentes para predicados matrizes que, sintaticamente, funcionam de modo diferente legitimam a premissa da prevalência da pragmática sobre a semântica e da semântica sobre a sintaxe.

Notas

¹ Nos termos da Gramática Funcional, satélites, em geral, são meios lexicais opcionais de sustentar informação adicional a um dado estado-de-coisas: são opcionais porque, se omitidos, não afetam a boa-formação do enunciado em que ocorrem; sustentam informação adicional porque a informação principal está contida na estrutura do enunciado à qual o satélite é adicionado. **Satélites de atitude** especificam a atitude do falante em relação ao conteúdo proposicional ou apenas parte dele (Dik *et al.*, 1990).

² No parêntese que segue cada ocorrência, encontram-se a indicação do período de uso da forma e os dados da obra de onde as ocorrências foram extraídas (cf. Tarallo, 1991). Outras ocorrências do português contemporâneo foram extraídas de Gonçalves (2003).

³ Neste artigo, uso intercambiavelmente os termos *subordinação*, *complementação* e *encaixamento* e seus correlatos.

⁴ Estou, aqui, assumindo, junto com Dik (1989, 1997) e Noonam (1985), a existência de sujeitos oracionais em posição A1. Para uma discussão que coloca em xeque a análise de sujeitos oracionais em português, remeto o leitor a Kato & Miotto (2000) e a Mira Mateus *et al.* (1989).

⁵ Para um excelente quadro tipológico dos complementos oracionais, remeto o leitor a Noonan (1985).

⁶ Predicados como *duvidar*, *negar*, *receptar* etc expressam atitude proposicional negativa (Noonan, 1985).

⁷ Como constatei diacronicamente em Gonçalves (2003), relativamente às possibilidades de expressão do experienciador em construções impessoais, a ausência de marca em *parecer* (*parece-Ø que...*) é a mais forte concorrente da expressão de dativo de 1ª. pessoa (*parece-me que...*) em todos os séculos investigados. É no século XX, entretanto, que a expressão de pessoa tende a se neutralizar, prevalecendo a total ausência de marca. É razoável supor, entretanto, que a avaliação só pode ser atribuída ao próprio falante; quando atribuída a terceiros, a marcação deve vir necessariamente expressa (*parece a ele que...*).

⁸ Empréstimo esse termo de Decat (2001).

Referências bibliográficas

- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B., JANDA, R. (eds.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- _____. Main clauses are innovative, subordinate clauses are conservative: consequences for the nature of constructions. In: BYBEE, J., NOONAN, M. (eds.) *Complex sentences in grammar and discourse: essays in honor of Sandra A. Thompson*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 1-18.
- BYBEE *et al.* (eds.) *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.
- DECAT, M.N. Orações adjetivas explicativas no português brasileiro e no português europeu: aposição rumo ao “desgarramento”. *Scripta*, v. 5, n.9, 2001, p. 104-118.
- DIK, S. *The theory of functional grammar*. Part 2: Complex and derived constructions. 2.ed. N.Y.: Mouton de Gruyter, 1997.
- _____. *The Theory of Functional Grammar*. Parte I: The structure of the clause. Dordrecht: Foris, 1989.
- DIK, S. *et al.* The hierarquical structure of the clause and the typology of adverbial satellites. In: NUYTS, J. *et al.* (eds.) *Layers and levels of representation in language theory*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990, p. 25-70.
- GONÇALVES, S.C.L. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade*. 2003. 250f. Tese (Doutorado em Lingüística) – IEL/UNICAMP, Campinas.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E.C. *Grammaticalization*. Cambridge: CUP, 1993.
- JUBRAN, C.S. Para uma descrição textual-interativa das funções parentéticas. In: KATO, M.A. (org.) *Gramática do Português Falado*. V: Convergências. 2.ed. Campinas: UNICAMP, 2002a, p. 343-358.
- _____. Parênteses: propriedades identificadoras. In: CASTILHO, A.T., BASÍLIO, M. (orgs.) *Gramática do Português Falado*. IV: Estudos descritivos. 2.ed. Campinas: UNICAMP, 2002b, p. 405-416.
- KATO, M., MIOTO, C. A inexistência de sujeitos oracionais. *Laços*, Rio de Janeiro, p. 61-90, 2000.
- LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S.A. (ed.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 275-330, 1988.
- MIOTO, C.; KATO, M.A. Aspectos sintáticos da subordinação sentencial. In: ABAURRE, M.B.M.; RODRIGUES, A.C.S. *Gramática do Português Falado*. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: UNICAMP, 2002, p. 379-412.
- MIRA MATEUS, M.H. *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1989.
- NEWMAYER, F.J. *Language form and language function*. Massachusetts: MIT Press, 2001.
- NOONAN, M. Complementation. In: SHOOPEN, T. (ed.) *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 43-140, 1985.
- TARALLO, F. (org.) *Cópus diacrônico do português*. Campinas, 1991 (mimeo).
- THOMPSON, S.; MULAC, A. A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parenthetical in English. In: TRAUGOTT, E.C., HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 313-29
- VENDRAME, V. *A evidencialidade em predicados encaixadores*. 160f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – IBILCE/UNESP, São José do Rio Preto.